

FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'ÁVILA

FACULDADE DE LETRAS

ANA PAULA COSTA DE SOUZA

O APOCALIPSE DE JOÃO COMO GÊNERO LITERÁRIO

LORENA, 2009

ANA PAULA COSTA DE SOUZA

O APOCALIPSE DE JOÃO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Monografia apresentada à Faculdade de Letras das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila como Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Profa. Me. Maria Luzia Dantas

LORENA, 2009

S729a

Souza, Ana Paula Costa de.
O Apocalipse de João como gênero literário. –
Lorena: Ana Paula Costa de Souza.- 2009.
32 f.

Monografia (Graduação em Letras com
Habilitação em Inglês)- Faculdades Integradas
Teresa D'Ávila, 2009.

Orientadora: Maria Luzia Dantas

1. Apocalipse de João. 2. Literatura. 3. Gênero
Literário Apocalíptico.

CDU-228:82-1/-9

ANA PAULA COSTA DE SOUZA

O APOCALIPSE DE JOÃO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Monografia apresentada ao curso de Letras
com habilitação em Inglês das Faculdades
Integradas Teresa D'Ávila como Trabalho de
Conclusão de Curso.

Orientadora: Profa. Me. Maria Luzia Dantas.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Alcidez Candia Quintana

Profa. Me. Maria Luzia Dantas

Profa. Me. Sônia Maria Gonçalves Siqueira

LORENA, 24 de novembro de 2009

Aos meus pais, pelo incentivo, apoio e carinho.

À minha avó Cida pelos conselhos.

À tia Cris que muito contribuiu para a minha formação.

E ao meu namorado Luiz Paulo, por sempre compreender e acompanhar minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me dar forças e me conceder tudo o que preciso para ser feliz.

À minha orientadora, Profa. Me. Maria Luzia Dantas, pela dedicação com que orientou este trabalho.

Aos meus colegas de curso que contribuíram de alguma forma para este trabalho.

À Profa. Me. Luciani Vieira Gomes Alvareli, pelo grande apoio e por ser um exemplo profissional e humano.

Ao Prof. Me. Élcio Luis Roefero, pela atenção, gentileza, simpatia e respeito ao próximo.

Ao Prof. Dr. Felipe Aquino, pelo esclarecimento de várias dúvidas religiosas.

Ao Prof. Dr. Dionísio Oliveira de Soares, pela atenção e entusiasmo com que me ajudou, mesmo sem me conhecer pessoalmente e que mesmo de longe, me possibilitou grande conhecimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. Eduíno José de Macedo Orione, pelas ótimas aulas de Literatura e pela educação e respeito com que trata seus alunos.

“No começo a palavra já existia: a palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus. No começo ela estava voltada para Deus. Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens [...]”.

Livro de João 1:1-4.

RESUMO

SOUZA, Ana Paula Costa de. O Apocalipse de João como Gênero Literário. 2009. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras com habilitação em Inglês) – Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Lorena, 2009. [Supervisora: Profa. Me. Maria Luzia Dantas]

Esta pesquisa apresenta o Apocalipse de João como gênero literário, e por isso esclarece a terminologia “literatura” através de pesquisas bibliográficas e webliográficas. A necessidade deste trabalho aparece, quando a autora observa que há pouco conhecimento do gênero literário apocalíptico nos meios acadêmicos. Por isso, procura alcançar o objetivo geral de apresentar o Apocalipse de João, como um gênero literário, apontando três hipóteses: a primeira afirma seu texto como literário, a segunda não literário, e a terceira um texto que embora não literário, apresenta aspectos literários. No entanto, este trabalho desenvolve apenas a primeira hipótese que o classifica como literário. Assim, fundamenta os vários conceitos de Literatura e de gêneros literários, principalmente o apocalíptico. E como objetivos específicos, para que haja maior compreensão da literatura no livro do Apocalipse de João, analisa-se alguns símbolos e cartas apocalípticas, apontando as principais marcas literárias. Desta forma, a autora finalmente considera, que o Apocalipse é um gênero literário, pois possui um texto ficcional, conforme observa na análise dos símbolos e também nas teorias que cita sobre a literatura.

Palavras-chave: Apocalipse de João – Literatura – Gênero literário apocalíptico.

ABSTRACT

SOUZA, Ana Paula Costa de. John's Apocalypse as a Literary Gender. 2009. 32 f. Monograph (Graduation). – Letras course. Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Lorena, 2009. [Supervisora: Profa. Me. Maria Luzia Dantas]

This research shows John's Apocalypse as literary gender, and that's why explains the terminology "literature" through bibliographical researches and also through internet. This work becomes necessary, when is observed that there is little knowledge of the apocalyptic literary gender in the university. Therefore, it tries to reach the general objective that is to present John's Apocalypse, as a literary gender, pointing three hypotheses: the first affirms its text as literary, the second as no literary, and the third a text that although no literary, it presents literary aspects. However, it just develops the first hypothesis that classifies it as literary. Like this, it bases the several concepts of Literature and literary genders, mainly the apocalyptic. As specific objectives it analyzes some symbols and apocalyptic letters, pointing the main literary marks. This way, the author finally considers, that the Apocalypse is a literary gender, because it has a fictional text, as it observes in the analysis of the symbols and also in the theories that she mentions about literature.

Keywords: John's Apocalypse - Literature - Apocalyptic Literary Gender.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Os apocalipses da era judaica e da era cristã.....	11
3. Fundamentação Teórica: “Gênero literário apocalíptico e a Literatura”.....	16
4. Análise do Corpus: “Os Símbolos Apocalípticos”.....	21
4.1. A Literatura nas cartas às Igrejas.....	24
Considerações Finais.....	28
Referências.....	29
Anexo A.....	31
Anexo B.....	32

1. Introdução

A temática principal deste trabalho envolve a linguagem de um livro da Bíblia chamado Apocalipse que foi escrito por João, o qual apresenta um discurso altamente metafórico. A partir desta percepção, surgiu uma indagação: este livro pode ser considerado parte da Literatura?

Atualmente, encontramos em várias pesquisas o livro “Apocalipse” incluído em uma condição de gênero literário, mas se este pertence a um campo religioso, então por que é usado este termo “*gênero literário*”?

O que diz Massaud Moisés acerca das definições de Literatura? E o que dizem os grandes estudiosos do gênero literário apocalíptico? A principal questão a ser trabalhada nessa pesquisa consiste na terminologia “Literatura” quando esta se relaciona ao livro da Bíblia chamado Apocalipse.

Três hipóteses são cogitadas sobre o livro Apocalipse, a primeira afirma seu texto como literário, a segunda não literário, e a terceira um texto que embora não literário, apresenta aspectos literários.

De acordo com a fundamentação teórica desta pesquisa, a primeira hipótese possui maior validade, pois o Apocalipse é um livro que apresenta uma linguagem muito rica, e por isso não pode ser considerado apenas um texto com resquícios literários, e menos ainda um texto não literário. Durante este trabalho será explicado o porquê.

Esta pesquisa se justifica quando é observado que nos meios acadêmicos as dúvidas relacionadas à Literatura e à Bíblia são muitas. Percebe-se também que ao falar do último livro da Bíblia, o “Apocalipse”, muita agitação é causada em torno do assunto, principalmente por este livro estar conexo ao grupo semântico de revelação e escatologia. Além disso, observa-se que pouco se é falado sobre o gênero literário apocalíptico e é por muitas dúvidas e principalmente por causa do pouco conhecimento deste gênero literário é que foi motivado e elaborado este trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar o Apocalipse de João como gênero literário e ao mesmo tempo (como objetivos específicos) apontar as marcas

literárias existentes no livro, através de alguns símbolos e de algumas cartas apocalípticas.

Para isso, foram selecionados alguns livros, revistas e artigos da Internet acerca do assunto tratado. Esta pesquisa está dividida em 4 (quatro) partes. A primeira delas é esta introdução. A segunda explicará o que são os apocalipses da era judaica e da era cristã, deste modo é resumida brevemente a história do Apocalipse de João, para a melhor compreensão do assunto. Na terceira parte, a primeira hipótese deste trabalho é fundamentada com as explicações de gênero literário apocalíptico e de literatura de acordo com diversos autores especializados no assunto. A partir das explicações sobre Literatura, os símbolos apocalípticos, serão analisados no quarto e último item deste trabalho. Desta forma, chegamos às considerações finais.

2. Os apocalipses da era judaica e da era cristã.

Ao se falar do livro “Apocalipse” deve-se considerar algumas informações a respeito de seu contexto histórico, como por exemplo, a situação em que foi escrito, uma época em que a fé cristã estava sendo colocada a prova pelo Império Romano.

Este livro originou-se por meio da visão do autor João, sendo uma forma de denúncia e incentivo ao povo para resistir a força do Império Romano, que praticava o culto ao imperador. Teria sido escrito por volta 81-96 d.C, mais ou menos no fim do reino de Domiciano.

Para uns, o apocalipse é uma reprodução evangelista relativa ao fim da história, para outros é apenas um marco da crise histórica na fé cristã. De acordo com Kümmel (1982), ai se constitui um problema teológico.

Richard (1996) afirma que o texto está coligado a marcas do Antigo Testamento, pois sua linguagem não é o único documento escrito do gênero apocalíptico, pois houve também o apocalipse segundo Daniel no Antigo Testamento, que foi o auge da apocalíptica judaica, além de muitos outros que serão citados no decorrer deste trabalho.

Segundo Kümmel (1982), o conceito apocalíptico é usado para enfatizar um fenômeno acontecido na história da religião. Seria então, uma visão religiosa que é introduzida por um pensamento escatológico único a respeito do mundo, e por um outro prisma pode-se enxergar aspectos encontrados num outro mundo ou num além-mundo.

Para ele, “Apocalíptico” também é um gênero literário em que se exprimem ideais sobre o fim da humanidade, tratando - se também de um novo fenômeno religioso e literário que se originou no antigo judaísmo, apesar de sua literatura pressupor uma penetração de elementos estranhos ao judaísmo.

A partir disso, é possível observar que houve duas épocas em que os apocalipses foram utilizados. A primeira na era judaica e a segunda na era cristã, e ainda será perceptível que o livro estudado é considerado o mais importante das obras apocalípticas de procedência cristã, e o único presente no Novo Testamento, e que este ainda conserva o nome “Apocalipse”.

No Antigo Testamento, na era judaica, foram produzidas diversas obras apocalípticas, mas possuíam outros nomes ou o nome de seus autores. Como por exemplo, o livro de Daniel, que embora seja um apocalipse, não é explícito no título de sua obra.

Richard (1996) diz que no apocalipse há muitos elementos violentos, porém esta violência seria mais literária que real, e diz que o apocalipse une escatologia e política, mito e práxis, consciência e transformação histórica, portanto, não é somente visão, catarse ou protesto.

Assim como Kümmel, ele define que se chama movimento apocalíptico o que sustenta a apocalíptica e a literatura apocalíptica, sendo este último um universo simbólico no qual um movimento apocalíptico codifica sua identidade e sua interpretação da realidade. Suas formas lingüísticas e estilísticas são muito importantes, e mostram o material extraído das visões do autor, que se auto denomina João.

Kümmel (1982) ainda salienta que os apocalipses em geral, mostram livros sob pseudônimos, o que torna diferente o último livro do Novo Testamento da Bíblia, que foi escrito por João, entretanto, na maioria dos livros lidos nesta pesquisa, acerca da identidade do autor é revelado que não se sabe ao certo, se João é o mesmo apóstolo, filho de Zebedeu, ou se é uma outra pessoa.

Mesmo sem a certeza da identidade do autor, sabemos seu nome, e o foco de nossa pesquisa é no que este escreveu. Sendo assim, é importante ressaltar que a própria visão de João, também evolui na forma e no estilo apocalíptico. Considerando que no texto existem inúmeros aspectos literários, pois como meios de expressão são usadas cores, números, símbolos e também alegorias.

Conforme dito anteriormente alguns desses meios de expressão serão analisados no decorrer deste trabalho, para que possamos com clareza entender a questão do Apocalipse de João como gênero literário. Desta forma, as áreas do conhecimento as quais se restringe esta pesquisa são as de Literatura e a Linguagem.

Scliar (2009) escreve para a revista Língua Portuguesa sobre as expressões da fé Judaica. Seu artigo alerta para a identidade religiosa, lingüística e literária do povo judeu, o que veio contribuir para esta pesquisa como forma de contextualização da era judaica.

Através de seu artigo podemos perceber que historiadores e arqueólogos não sabem ao certo informações a respeito da origem dos judeus. Uns dizem ser originários da Mesopotâmia, a região entre os rios Tigre e Eufrates, outros, que eram nômades e vinham da península arábica, estabelecendo-se no período neolítico, na região conhecida como Canaã. Algo de que eles têm a certeza é de que os judeus ao contrário das outras religiões da sua época, cultuavam a um só Deus, Javé ou Jeová.

O termo “Bíblia” é grego e significa livros. Para Scliar (2009) a Bíblia é de fato, antes uma coleção de textos, que começaram a ser escritos provavelmente entre 950 e 850 a.C., e possuem diversos autores, o que se comprova pelos diferentes estilos e tradições.

Scliar ainda alerta que o conjunto desses livros foi denominado pelo cristianismo, de Antigo Testamento (AT) e Novo Testamento (NT) e que a maior parte do AT está em hebraico, mas existem partes em aramaico, que era a língua mais usada no oriente médio e inclusive por Jesus. Depois de um tempo, foi traduzida ao grego, o que deixou muitos judeus inconformados, pois execravam os gregos, os achavam vulgares por praticarem esportes nus e tolerar o homossexualismo.

Ainda para Scliar (2009), o judaísmo, possuía uma rica cultura, representada na música, na pintura e, sobretudo no folclore, permeado do chamado humor judaico, melancólico, filosófico, que representava uma forma de defesa contra o desespero. É possível observar tais características, quando se lê os apocalipses escritos naquela época. Considerando que o auge da apocalíptica deu-se em ambientes judaicos.

Na era cristã também apareceram diversos apocalipses, no entanto, são obras apócrifas, por isso aqui será considerado apenas o apocalipse de João que foi incluído na Bíblia. As informações adiante são baseadas nas notas explicativas da Bíblia de Jerusalém e são referentes ao Apocalipse de João.

O termo “Apocalipse” é a transcrição de uma palavra grega que significa “revelação”. Sendo assim, é difícil para muitos estudiosos definir exatamente o que separa o gênero apocalíptico do gênero profético, do qual, de certa forma, ele não é mais que um prolongamento. A diferença fundamental entre ambos, é que no primeiro o profeta tem uma visão e a escreve na maioria das vezes usando simbologias. E no segundo, o profeta ouve a revelação e a transmite na oralidade

diretamente ao público. Devido às simbologias a linguagem apocalíptica é considerada mais complexa que a outra.

Nos dois séculos antes de Cristo, os apocalipses tiveram grande atuação nos ambientes judaicos, e foram preparados pelas visões de profetas como Ezequiel e Zacarias, entretanto, o gênero apocalíptico foi se desenvolver somente com o livro de Daniel e em obras apócrifas escritas na era cristã.

A Bíblia, em sua segunda parte, no Novo Testamento, aceitou apenas uma obra apocalíptica e seu autor João estava exilado numa ilha chamada Patmos, por causa de sua fé em Jesus Cristo.

Muitos afirmam que João seria o apóstolo, como declarou S. Irineu, Clemente da Alexandria e Tertuliano, no entanto, no século V, as Igrejas da Síria, Capadócia e da Palestina, parecem não ter incluído o Apocalipse nas Escrituras, pois não consideraram que o livro foi escrito por um apóstolo.

Quanto à data de criação admite-se comumente que tenha sido composto por volta de 95, no ano de Domiciano, porém, outros creem que algumas partes foram redigidas no tempo de Nero, pouco antes de 70. Contudo, ambas teriam sido escritas pelo mesmo autor, mas uma outra pessoa teria juntado ambas escrituras.

Seja a época de Domiciano ou a de Nero sabe-se que o livro foi escrito num período de perturbações e que as cartas enviadas às comunidades (que no livro são expostas), tem o objetivo de animar o povo, sem fazê-los desistir, resistindo às perseguições do Império Romano ao povo cristão.

De acordo com a Bíblia estudada, o livro constitui-se a partir de um prólogo, 22 (vinte e dois) capítulos e um epílogo. Abaixo segue um breve resumo do contexto do livro.

Do primeiro ao terceiro capítulo observamos as cartas às igrejas da Ásia, e assim é introduzida uma visão preparatória. As igrejas da Ásia são Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Nessas cartas através de João, Jesus direciona e orienta o comportamento das igrejas e repreende as atitudes de algumas delas.

No quarto capítulo há visões proféticas e uma amostra dos prelúdios do “Grande Dia” de Deus, relatando a entrega do destino do mundo ao Cordeiro.

No capítulo cinco aparecem sete selos que ninguém era capaz de abrir, mas no capítulo seguinte o cordeiro consegue abrir os sete selos.

No capítulo sete é explicado que os que servem a Deus serão preservados e também é mostrado o triunfo dos eleitos do céu.

Do capítulo oito ao onze há a abertura do sétimo selo, e também as orações dos santos que apressam a vinda do grande dia. As sete trombetas são tocadas e é anunciada a iminência do castigo final.

Do capítulo doze ao quatorze, há a visão da mulher e do Dragão. E é apresentado também, o dragão transmitindo seu poder a besta e aos falsos profetas a serviço do mal. Depois, o Cordeiro resgata pessoas boas e os anjos anunciam a hora do julgamento.

Do capítulo quinze ao dezoito, aparecem o cântico de Moisés e do Cordeiro. Assim como, as sete pragas das sete taças e os seus efeitos propagados pelo mundo. É mostrado também o castigo de Babilônia, a grande prostituta, assim como, o simbolismo da besta e da prostituta. E ainda há um anjo que anuncia a queda da Babilônia. Deste modo, o povo de Deus deve fugir, com as lamentações sobre Babilônia.

Do capítulo dezenove ao vinte e dois, são realizados os cantos de triunfo no céu, o extermínio das nações pagãs. Assim como, o primeiro combate escatológico e também o reino de mil anos, sucessivamente é apresentado o segundo combate escatológico, juntamente com o julgamento das nações e o arquétipo da Jerusalém futura, tal como, a Jerusalém celeste e a Jerusalém messiânica. Depois de tudo isso João expõe as recompensas para quem ouvir as palavras do “Senhor” e executá-las.

3. Fundamentação Teórica: “Gênero literário apocalíptico e a Literatura.”

Nesse capítulo, a partir do ponto de vista dos autores que se seguem será fundamentada a afirmação de que o livro Apocalipse de João é um gênero literário. Dessa forma, serão reforçadas as idéias expressas na primeira hipótese desta pesquisa.

Falar da Bíblia como Literatura nos meios acadêmicos é complexo, pois se percebe controvérsias e pouco conhecimento do assunto, porém a maioria dos livros mencionados neste trabalho trata a Bíblia como literatura, em especial o livro “Apocalipse”, pois o mesmo possui um texto literário, e além disso um gênero literário que lhe é próprio.

Primeiramente vamos definir o que é um gênero literário. McKenzie (1983, p. 378) diz: *“Sob a designação de gênero literário são apresentados tipos ou espécies de literatura, que se distinguem uns dos outros pela forma específica e pela estrutura adaptada ao conteúdo [...]”*.

O autor também apresenta as diferenças entre a poesia e a prosa e revela que estes dois gêneros não existem exclusivamente como tais. E afirma que a partir deles surgem subespécies nítidas e precisas; e por isso, o número de gêneros literários não param de crescer.

McKenzie (1983, p. 379) salienta que: *“A criação de gêneros literários é obra da sociedade, [...] toda obra literária constitui um diálogo entre o autor e a sociedade do seu tempo [...] o gênero literário só perdura quando a sociedade o assume como seu [...]”*.

O gênero literário precisa ser valorizado em sua estrutura e em seus elementos formais. Isso vai muito além de seu conteúdo, não importa se este pertence ao campo religioso ou não. Soares (apud J. J. Collins 2006, p. 189) faz uma menção sobre isso. Embora seja uma citação longa é importante considerá-la:

Uma forma literária particular pode ser considerada como um gênero independente ou como um subtipo de uma categoria mais ampla. O nível de abstração apropriado ao gênero é determinado em parte pelo uso comum e em parte pelo grau de coerência que percebemos dentro de um grupo de textos. Em um certo nível, as obras que são chamadas de apocalipses

pertencem à categoria *mito*, em qualquer dos vários sentidos, e.g., como uma história sobre seres sobrenaturais, ou como uma expressão simbólica de intuições básicas, ou como uma narrativa com propósito de percepções questionadoras. Não obstante, o mito é uma categoria muito mais ampla do que o apocalipse; assim, o gênero desses textos pode ser definido mais proveitosamente em um nível menor de abstração.

McGinn (1997, p. 508): “os apocalipses pertencem a uma forma literária que, categoricamente, requer uma leitura que contenha mais do que o sentido aparente”.

Soares (2008) afirma que somente no século XX a literatura chamada de “Apocalíptica” passou a ter sua importância intensificada, e essa importância começou a crescer quando se constatou sua grande influência sob o pensamento e a fé cristã.

Tal como Kümmel (1982) observa que este gênero literário apocalíptico é, em sua essência, um fenômeno literário que aconteceu no judaísmo e que cresce em tempos de crise e perturbações, tal como aconteceu no século passado na primeira guerra mundial, no primeiro século da Era cristã, sob a perseguição aos cristãos no período do Império Romano e também na época macabaica da história de Israel (século II a.C). A partir da revelação profética e da História que vivenciam, este gênero literário usa vários símbolos para retratar sua realidade.

Soares apud Collins (2008) mostram a importância de levarmos em consideração que a literatura apocalíptica compreende não somente o livro Apocalipse do Novo Testamento (NT), mas também o Livro dos Jubileus, Enoque, Esdras, o Livro dos sonhos, Baruque, Apocalipse das semanas, o Testamento de Abraão, o Apocalipse de Abraão, o Apocalipse de Sofonias, o Testamento de Levi, o Livro das sentinelas e o Livro de astronomia e Similitudes. Soares apud Russel (2008, p. 89) afirmam que:

A palavra “apocalíptico” é derivada do substantivo grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. Entretanto, seu uso, com referência a esse gênero de literatura, é devido com toda probabilidade não ao caráter revelatório dos livros em questão, mas preferivelmente ao fato de que eles têm muito em comum com o Apocalipse do Novo Testamento, com seu linguajar esotérico, sua imaginação bizarra e seus pronunciamentos relativos à consumação de todas as coisas em cumprimento das promessas de Deus.

Soares apud Russel (2008) mostra que há muito mistério em torno da palavra apocalipse, pois a literatura moderna fez com que tal palavra ganhasse a conotação de “cataclismo”, e isso dificultaria o bom entendimento desse gênero. Contudo, a

palavra Apocalipse foi expressão técnica que a Igreja Cristã utilizou a partir do século II d.C., para designar todo o estilo de escrita parecida com o Apocalipse canônico.

Soares apud Hanson (2008) afirma que há uma tríplice distinção no Apocalipse, este se dividiria em gênero (apocalipse), em visão cósmica (escatologia apocalíptica) e um movimento social (apocalipsismo).

Na antiguidade não havia clareza no reconhecimento e na classificação deste gênero e assim foi nomeado de “gênero” a partir do Apocalipse neotestamentário, levando em consideração que os apocalipses judaicos abrangeram várias formas literárias distintas, como visões, preces, lendas, testamentos e outros. Como afirma Soares apud Collins (2008).

Há quem defina os apocalipses não só como um gênero literário, mas também como um macrogênero, do qual se faz necessário distinguir os diversos tipos literários que os compõem. Tal como faz Klaus Koch em *“The rediscovery of Apocalyptic”*, como alerta Soares (2008).

Soares apud Hanson (2008, p. 92) vem corroborar com a idéia de que os apocalipses possuem textos literários quando assevera que o apocalipse *“é um gênero literário que pode ser encontrado ao lado de outros gêneros, como o testamento, o oráculo de julgamento e de salvação e a parábola”*.

O gênero apocalíptico também é considerado por alguns como um conjunto de “subgêneros”:

Os subgêneros recorrentes da literatura apocalíptica são: comunicação de visão, vaticínio ex-eventu, parêneses, gêneros litúrgicos (bênçãos, lamento, hinos e orações), sabedoria natural, estórias, fábulas, alegorias, diálogos, enigmas, mashal ou parábola, interpretação de profecia ou pesharim e previsões escatológicas.

Soares apud Gammie (2008, p. 94)

Mas, a definição que mais se familiariza com esta pesquisa, sem dúvida é a que se segue abaixo, pois explica que o gênero apocalíptico é uma literatura de caráter revelador de um ser de outro mundo para um receptor humano.

Apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.

Valdez apud Collins (2002, p. 59)

Para Scliar (2009) a Bíblia pode ser lida de três maneiras importantes, poderá ser feita : uma leitura religiosa, histórica ou literária. Para ele, a Bíblia é uma “grande literatura”, pois nela há concisão, economia, parábolas e possui grande impacto.

Moisés (1973, p.17) diz que “*A palavra ‘Literatura’ deriva do latim ‘litteratura’, que por sua vez se origina de littera e significa o ensino das primeiras letras, o ensino primário, da escrita e das letras*”.

Com o tempo tal palavra foi ganhando sentidos diferentes, todos os escritos passaram a ser chamado de literatura. A partir disso, começaram a aparecer diversos conceitos para se empregar a esta palavra.

Procurou-se uma definição para tal palavra, mas como Moisés (1973) afirma: “*dar definições à Literatura é impossível*”. Já que segundo ele, as definições pertencem ao campo das Ciências. No entanto, assevera que apenas conceitos são possíveis atribuir a literatura, pois os conceitos são decorrentes das impressões subjetivas de cada um.

Moisés (1973, p.19) salienta que “*Não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar a Literatura dum modo convincente e conclusivo [...] por mais esforços de clarividência que tenham sido feitos, o problema continua aberto [...]*”

De acordo com Moisés (apud Figueiredo, 1973), toda obra literária precisa ser ficcional. A ficção é a criação de uma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da instituição do escritor.

Desta forma, acredita-se que o conteúdo do Apocalipse é ficcional, pois o autor faz considerações de sua realidade através de símbolos. Tal como afirma McGinn (1997, p.565):

As imagens revelam o curso da história ou, ao menos, os eventos iminentes do final dos tempos. Um segundo enfoque, mais raro (representado hoje pelo teólogo Jacques Ellul) vê o Apocalipse como um tratado teológico cuidadosamente elaborado, que contém uma mensagem moral e uma teologia da história complexas. Muitos especialistas modernos, entretanto, consideram o Apocalipse de João uma apresentação cíclica de visões que repetem, ou recapitulam, a mesma mensagem básica de perseguição presente, destruição iminente dos maus e recompensa dos justos.

Embora o Apocalipse de João pertença ao campo religioso, seu discurso é ficcional. E para um texto ser literário, ele deve ser como o Apocalipse é considerado: uma obra realizada a partir da ficção ou da imaginação. Que não se

entenda aqui, que ficção ou imaginação tenha que ser necessariamente “mentira”, isto é, algo feito para enganar, até porque se isso fosse afirmado aqui, seria contraditório aos ideais cristãos, e este não é o objetivo deste trabalho. A ficção é vista como o ato da criação feita a partir da realidade, neste caso com o intuito religioso.

[...] A imaginação é entendida não apenas no sentido de imaginação difluente, ou fantasia desgarradora da realidade, formada de sonhos, devaneios, visões, etc., mas também e principalmente a imaginação transfiguradora do real, na medida em que transforma o dado real e organiza-o dentro de novas sínteses e novos sistemas, em resumo, dentro de uma nova realidade com suas leis e normas, as leis e normas próprias do mundo estético ou da ficção.

Moisés (1973, p. 26).

Assim, é possível compreender que o Apocalipse é repleto de palavras polivalentes. Moisés (1973, p.25): *“As palavras polivalentes - ou metáforas de modo genérico – representam deformadamente a realidade”*. Sendo assim, é reforçada a idéia que o Apocalipse possui um texto literário.

Na mesma página ele ainda afirma *“se entendermos os conteúdos da ficção como compostos das ‘imagens’ deformadas e transfundidas do mundo real, é imediato assentar que ficção e imaginação se equivalem, e um termo pode ser perfeitamente tomado pelo outro”*.

Nesta mesma perspectiva, McGinn (1997, p. 581), também contribui com a hipótese estudada, quando afirma que o livro Apocalipse é *“uma criação imaginativa, uma obra de literatura, e não um repertório de verdades acerca do curso da história e dos eventos do fim”*.

Compreende-se então, que o Apocalipse não só faz parte da literatura, como também traz grande contribuição para a literatura ocidental, mesmo que não seja muito divulgado:

O século XIX e, especialmente, o século XX viram numerosos exemplos dessa tendência, bem como uma abundância de estudos sobre a influência do Apocalipse e a mentalidade apocalíptica na literatura ocidental. Em anos recentes, muitos interpretes histórico-críticos do livro descobriram a importância da crítica literária, e muitos comentários e estudos agora empregam ao menos alguns elementos das teorias literárias contemporâneas.

McGinn (1997, p. 581)

Finalmente, encerra-se a fundamentação teórica desta pesquisa que permite a análise dos símbolos apocalípticos através da teoria literária, sabendo-se que o mesmo possui um texto literário.

4. Análise do Corpus: “Os Símbolos Apocalípticos”.

Para que os símbolos expressos no Apocalipse sejam analisados, primeiro é preciso conhecer um pouco do império daquela época, posto que a maioria dos símbolos do Apocalipse de João está diretamente ligada à História, como uma representação da realidade.

O autor João transfigura a realidade que é habitual a todos e coloca em sua narrativa elementos simbólicos, tal como é possível perceber na divisória das visões feitas no livro de *Iniciação Teológica* da PUC-RJ (1996), que mostram a predominância da simbologia numérica:

- O primeiro grupo são as sete cartas as Igrejas.
- O segundo grupo são os sete selos.
- O terceiro grupo são as sete trombetas.
- O quarto grupo são os seis sinais no céu.
- O quinto grupo são as sete taças de cólera.
- O sexto grupo são as sete vozes celestes.
- O sétimo grupo são as visões do fim.

O intuito deste tópico não é esclarecer todos os símbolos, mas sim, apresentar alguns deles. E através do capítulo 13 (treze) do livro Apocalipse, estudar seu discurso, mostrando como o mesmo possui várias mensagens de sentido conotativo. Encontramos nele a presença de símbolos como: a besta, o dragão e o cordeiro. Os símbolos escolhidos indicarão a ficção literária existente no livro do Apocalipse, revelando-se como um gênero literário.

- **A Besta**

No capítulo 13 (treze) aparecem duas Bestas, a primeira delas é apresentada do primeiro ao décimo versículo e a segunda do décimo primeiro ao décimo oitavo.

O autor do Apocalipse, João, narra sobre a primeira Besta: *“A Besta que vi parecia uma pantera: seus pés, contudo, eram como os de urso e sua boca como a mandíbula de um leão”*.

Para explicar como era a Besta, João, inventa novas metáforas para que se possa entender melhor como era ela. De acordo com Bortolini (1997), os símbolos referentes à pantera, o urso e o leão, representariam uma mistura de assombros, incluindo o império persa, o medo e o império da Babilônia.

Já para Kraybill (2004), a primeira besta, representa o império romano ou o próprio imperador. E ainda afirma que é uma figura complexa, extraída das quatro bestas que aparecem na visão de Daniel (7, 1-28).

Em *Iniciação Teológica* (1996) são apresentadas tais simbologias como sendo fruto de uma linguagem plástica e não mecânica. E quando lemos Ap. (13, 1): *“A besta com sete cabeças e dez chifres”* é necessário que compreendamos que a Besta é o Império Romano, e as cabeças, seus reinos subalternos, e também os maiores. E os chifres são os imperadores, aqueles que perseguiram os cristãos.

A segunda Besta aparece a partir do versículo 11 (onze), quando João narra: *“Vi depois outra besta sair da terra: tinha dois chifres como um Cordeiro, mas falava como um dragão”*. Para Kraybill (2004), a segunda besta (13, 11-18), representa o sacerdócio que cultuava o império, uma instituição surgida na Ásia menor e que concedia divindades ao Imperador.

Em Ap (13, 18) João diz *“Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: seu número é ‘666’”*.

A partir do fragmento exposto acima é possível perceber que João deixa claro que escreveu de maneira simbólica, provavelmente porque tinha que dificultar o significado real de suas palavras para o não entendimento dos homens do Império.

Para descobrir quem era o homem de quem João falava era necessário calcular seu número:

No mundo semita / grego as letras do alfabeto substituíam os números. Atribuindo um valor numérico às letras, era possível descobrir o “número de homem”, no caso, número da besta. Somando o valor das letras que compõem a expressão “César Nero”, chega-se ao número 666. Portanto, para o autor do Apocalipse a Besta é Nero, em certa medida, é também Domiciano, que se iguala a Nero em crueldade.

Bortolini (1997, p. 117)

É muito parecido tal fragmento com o que consta nas notas explicativas da Bíblia de Jerusalém (1973, p. 500):

“Em grego e em hebraico, cada letra tinha um valor numérico segundo o lugar no alfabeto. O número de um nome é o total de suas letras, aqui ‘666’ seria César-Neron (em letras hebraicas)”.

É importante ressaltar que parte do livro foi escrito na época de Nero, e parte no reino de Domiciano. Com uma rica linguagem que remetia anaforicamente aos escritos do Antigo Testamento. Tal como Kraybill (2004) menciona, devemos observar que há intertextualidade com os escritos de Daniel.

Kraybill (2004) ainda alerta sobre os aspectos econômicos da visão de João e se direciona para os trechos que mostram que quem, na época, não levasse consigo a marca ou o nome da besta, não poderia comprar ou vender. Isso significa que, o indivíduo que não renunciasse ao cristianismo e não prestasse culto ao imperador, deveria sofrer sem direitos ao comércio.

- **O Dragão**

No capítulo 12 (doze) João é levado aos céus em sua visão, e lá vê a vitória de Jesus sobre o dragão. Já no capítulo 13 (treze), João desce e mostra como o conflito dos céus pode ser refletido no mundo terreno.

Na terra, o dragão transmite seu poder à Besta, deste modo, observa-se que o dragão é uma figura de poder maior. Segundo Mesters e Orofino (2002), o dragão é a *“antiga serpente”*, que se encarna no Império Romano, para que possa seduzi-lo e fazer com que os mesmos façam o mal aos cristãos. Por isso, o “Dragão” é considerado por muitos o poder demoníaco, cuja força e poder, são passados aos homens, que se tornam cada vez mais poderosos.

De acordo com Chevalier (1992), o símbolo do dragão pode possuir vários significados. E estes podem variar de acordo com a cultura em que é mencionado. Mas, para o cristianismo, ele observa que os dragões representam, em geral, o mal e o ódio, além de estarem relacionados às legiões de Lúcifer.

Algo de muito semelhante à explicação dada por Chevalier foi encontrado nas notas explicativas da Bíblia de Jerusalém (1973, p. 498): *“dragão é uma figura que representa na tradição judaica o poder do mal, hostil a Deus e a seu povo, e que Deus devia destruir no fim dos tempos”.*

Em suma, o dragão, representa o poder do mal, que seduz e atinge os homens, fazendo com que eles queiram ser mais poderosos que Deus, neste caso,

os seduzem e os fazem seduzir, e quando não conseguem persuadir o povo cristão, inventam formas de tortura, para que possam se render às vontades do Império (a besta), que está iludido pelo poder do dragão.

- **O Cordeiro**

Chevalier (1992) apresenta a figura do cordeiro presente em várias culturas, mas principalmente no judaísmo e no cristianismo. Mostrando que o símbolo do cordeiro está presente em várias passagens da Bíblia, como nos textos de Isaías, de Lucas, de João, de Pedro e também na carta de Paulo aos Coríntios.

O símbolo do cordeiro, de acordo com Cirlot (1984) reproduz o significado de um ser puro que é sacrificado injustamente. Isso mostra que a Besta tem um falso profeta a seu serviço, e que falaciosamente se passa por um cordeiro, um ser da pureza, mesmo que seja mau, pois deste modo pode conseguir o que quer.

Chevalier (1992) mostra outras 28 (vinte e oito) citações da palavra cordeiro no Apocalipse, e todas elas, designam Jesus Cristo. Assim, o símbolo do cordeiro foi utilizado para mostrar o vencedor da morte, o vencedor das forças do mal, o todo poderoso, o divino e o juiz.

Em Ap (13, 11) João diz *“Vi depois outra Besta sair da terra: tinha dois chifres como um cordeiro, mas falava como um dragão”*. Segundo Mesters e Orofino (2002), aí a Besta seria o reflexo negativo do cordeiro, pois assim como Jesus (o cordeiro), a Besta também tinha uma ferida de morte e estava viva. Sendo assim, podemos interpretar que mesmo que se mate um imperador, logo vem outro em seu lugar, pois o sistema sempre se reproduz.

Nessa perspectiva, Mesters e Orofino (2002, p.167) ainda asseveram: *“Na época de Domiciano, o grande perseguidor, o povo dizia: ‘Ele é Nero que voltou a viver!’ A propaganda do Império fazia o povo crer que o imperador era um deus”*.

Diante de várias citações sobre a simbologia do cordeiro, considera-se que a maioria dos caminhos bíblicos relacionados a esta simbologia, resultaram a uma carga semântica positiva de tal palavra, ao contrário do que percebemos na análise dos símbolos do Dragão e da Besta.

4.1. A Literatura nas cartas às Igrejas.

Depois da análise dos símbolos do dragão, da besta e do cordeiro, é importante apresentar a parte literária das cartas às Igrejas, para que assim seja possível concluir os objetivos específicos deste trabalho. Por isso, segue abaixo a estrutura das cartas.

Jesus encarregou João de enviar sua mensagem às sete igrejas (comunidades) da Ásia menor. No capítulo 2 (dois) e 3 (três), percebe-se que Jesus enviou uma mensagem especial para cada uma delas.

Cada carta segue quase o mesmo padrão, pois possuem uma saudação ao anjo que representava a igreja; uma descrição de Jesus através de palavras polivalentes; comentários das boas ou más coisas feitas pelas igrejas; repreensão severa para aquelas que eram ruins; e encorajamento para corrigir o erro (exceto para as igrejas em que nada de mau tinha sido notado).

Nessas cartas, a literatura também se apresenta, isto é, as cartas escritas ao povo são muito mais do que fatos históricos, pois sua linguagem exige uma compreensão que vai além daquilo que está escrito, pois há uma camada semântica implícita nela.

As igrejas que recebem às cartas são: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Aqui serão estudadas apenas duas cartas enviadas às Igrejas. Primeiro é necessário esclarecer que no final do século I (um), as Igrejas mencionadas eram de fato comunidades cristãs nascentes, mas que aparecem constantemente em traduções bíblicas como igrejas.

Serão analisadas as comunidades: Filadélfia e Laodicéia, a primeira por ser uma comunidade exemplar e a segunda por ser aquela que não possui nada de bom. O texto das cartas encontram-se nos anexos A e B deste trabalho.

- **Filadélfia** (Ver anexo A)

McKenzie (1983) diz que a palavra Filadélfia é proveniente do grego e significa “amor fraternal”. É importante ressaltar que o nome da comunidade reflete muito em suas atitudes, essa observação é necessária, pois Filadélfia era a comunidade exemplar.

Filadélfia era conhecida como uma importante cidade da Lídia, situada no caminho entre Sardes e Hierápolis. A cidade era um distrito administrativo de

Sardes. A região era próspera, porém terremotos eram comuns naquela região, inclusive foi assim que a cidade foi destruída.

Já, Mesters e Orofino (2002) afirmam que a cidade era chamada de Filadélfia por causa de seu fundador Átalo Filadelfo, rei de Pérgamo, e passou para o poder romano em 133 (cento e trinta e três) a.C. Não possuía nenhuma relevância militar ou administrativa dentro de sua província. Assim como outras cidades gregas havia templos que divinizavam pessoas poderosas da época, por esse motivo a cidade teria mudado de nome várias vezes.

Ainda de acordo com esses autores, Filadélfia teria se chamado Neo-cesaréia e Flávia. O maior templo da cidade era dedicado a Jano, divindade romana, a qual decidia se o ano seria de paz ou de guerra, quando havia paz, as portas de seu templo eram fechadas.

Aqui, serão feitas observações sobre a principal frase que nos mostra o conteúdo literário desta carta. Nela observamos o uso da polissemia e da intertextualidade, que constantemente são utilizados em textos literários: *“aquele que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém mais fecha, e fechando, ninguém mais abre”*.

A polissemia ocorre através da palavra “chave de Davi”, a partir dela, os leitores da carta devem refletir sobre os vários significados que a frase possui. Quando o vocabulário é polissêmico, muitas vezes o leitor deve recorrer a textos antigos para verificar de onde surgiu tal expressão utilizada. Desta forma, além da polissemia também ocorre a intertextualidade.

Mesters e Orofino (2002, p.75) afirmam que esta linguagem é proveniente do livro de Isaías (22, 22): *“Colocarei a chave da casa de Davi sob a responsabilidade dele: quando ele abrir, ninguém poderá fechar; quando ele fechar, ninguém poderá abrir”*. Através da estrutura que compõe a carta, pode-se considerar que seu conteúdo além de informativo, também é literário.

- **Laodicéia** (Ver anexo B)

McKenzie (1983) diz que Laodicéia foi fundada por Antíoco II, e designada de acordo com o nome de sua esposa, a rainha Laodice. Mesters e Orofino (2002) afirmam que Laodicéia era uma cidade importante da Frigia na Ásia menor. Por causa das águas vulcânicas, destacava-se como centro medicinal com médicos

famosos e como produtora de pomada para o ouvido e para os olhos, denominada Kolyrion. A riqueza de Laodicéia fez com que ela se tornasse auto-suficiente, desse modo desprezando os valores cristãos.

Observe o que Jesus diz na carta que João escreveu: *“Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez, e um colírio para que unjas teus olhos e possas enxergar”*.

Quando Jesus refere-se ao colírio, mostra-nos uma metáfora, pois de nada adiantava o colírio medicinal que a cidade fabricava se os “olhos espirituais” deles estivessem cegos. E de nada adiantava a importância da cidade, se a riqueza que vinha de Jesus, eles não possuíam.

Mesters e Orofino (2002, p. 83) corroboram com esta afirmação quando alertam: *“[...] mesmo sendo rica em dinheiro, a comunidade de fato é infeliz, miserável e pobre [...]. Mesmo vivendo num lugar onde se podia adquirir colírio para os olhos, a comunidade é cega”*.

Observando tais informações, é possível perceber o conteúdo literário das cartas, que apesar de fazerem parte de uma realidade histórica, o autor das mesmas, abre um grupo semântico polivalente nelas e a partir daí, as transformam em literatura. Portanto, encerra-se a análise do corpus desta pesquisa, concluindo os objetivos específicos.

Considerações Finais

Depois de apresentar os apocalipses da era judaica e da era cristã e retomar os conceitos de Literatura e gênero literário apocalíptico, analisamos alguns símbolos e cartas. Assim sendo, consideramos que no livro estudado, a realidade é disfarçada com uma linguagem plurissignificativa. E seu autor, faz isso a partir de sua própria realidade, haja vista que ele capta a profecia que lhe é revelada por Cristo e a escreve de modo polivalente, assim, insere todo o seu contexto social.

Além disso, o autor cria uma para-realidade, utilizando símbolos como: o dragão, a besta e o cordeiro, que indicam subliminarmente entidades boas ou más de sua época. Em suma, ele usa simbologias que deformam o real.

E ao analisarmos as cartas à Filadélfia e à Laodicéia, podemos perceber a riqueza da linguagem que as mesmas possuem, por isso estas são muito mais do que simples documentos históricos, elas fazem parte de um livro, que possui um gênero literário que lhe é próprio, o apocalíptico. Admite-se então que, como todo texto literário, João nos mostra a arte da palavra trabalhada.

Então, baseado na fundamentação teórica desta pesquisa, já podemos confirmar indubitavelmente a primeira hipótese desta pesquisa: o Apocalipse possui um texto literário, pois é uma obra ficcional. E um texto literário é feito no intuito de copiar a realidade, conforme dito inúmeras vezes por Massaud Moisés. Dessa maneira, reafirmamos a relevância desse gênero para os estudos acadêmicos. E por meio desses argumentos apresentamos o livro Apocalipse de João como um gênero literário.

Descartamos aqui, todas as conclusões de macrogênero e subgêneros. E finalizamos essas considerações baseado nas idéias extraídas diretamente dos livros e / ou artigos de Richard (1996), Kümmel (1982), Soares (2006) e (2008), Valdez (2002), Scliar (2009), McGinn (1997), e indiretamente de Collins, Russel e Hanson que defendem o Apocalipse de João como um gênero literário.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM: novo testamento e salmos. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse**: resistir e denunciar. São Paulo: Paulus, 1997.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes. 1984. p.182.

KRAYBILL, J. Nelson. **Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulinas, 2004.

KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao novo testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

MAZZAROLLO, Isidoro. **Iniciação teológica**: encontro com a palavra viva. Rio de Janeiro: Edição Experimental, 1997.

MCGINN, Bernard. Apocalipse ou Revelação. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997. p. 563-582.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João**: esperança, coragem e alegria. 2. ed. São Paulo: Paulus. 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: introdução à problemática da Literatura. 5. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

RICHARD, Pablo. **Apocalipse**: reconstrução da esperança. Petrópolis: Vozes. 1996.

SCLIAR, Moacyr. As expressões da fé judaica. **Língua Portuguesa**, São Paulo, edição especial, p.16-21, 2009.

SOARES, Dionísio O. **Hesíodo e Daniel**: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia)-Faculdade de Teologia, PUC, Rio de Janeiro.

_____. **A literatura apocalíptica**: o gênero como expressão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.7 n.13, p. 88-102, dez. 2008. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/425/457>> Acesso em 22 jun.2009.

VALDEZ, Ana. *A literatura apocalíptica enquanto género literário (300 a.C. - 200 d.C.)*. **Revista Portuguesa de Ciência das Religiões**, Lisboa, v.1, p. 55-66, 2002. Disponível em http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/238/1/4_ana_valdez.pdf. Acesso em: 04.ago.2009.

Anexo A:

Carta à comunidade Filadélfia:

⁷ E ao anjo da igreja que está em Filadélfia, escreve:

Assim diz o que é santo, o Verdadeiro,
aquele que tem a chave de Davi,
o que abre, e ninguém mais fecha,
e fechando, ninguém mais abre.

⁸ Conheço tua conduta: eis que pus à tua frente uma porta aberta que ninguém poderá fechar, pois tens pouca força, mas guardaste minha palavra, e não renegaste o meu nome. ⁹ Vou entregar-te alguns da sinagoga de Satanás, que se afirmaram judeus, pois mentem; farei com que venham prostrar-te a teus pés, e reconheçam que eu te amo. ¹⁰ Visto que guardaste minha palavra de perseverança, também eu te guardarei da hora da tentação que virá sobre o mundo inteiro, para colocar a prova os habitantes da terra. ¹¹ Venho logo! Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a sua coroa. ¹² Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo do meu Deus, e daí nunca mais sairá. Escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da Cidade do meu Deus - a nova Jerusalém, que desce do céu, de junto do meu Deus - e o meu novo nome. ¹³ Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Anexo B

Carta à comunidade de Laodicéia.

¹⁴ Ao anjo da Igreja em Laodicéia, escreve: Assim fala o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus. ¹⁵ Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! ¹⁶ Assim, porque és morno, nem frio nem quente e nem quente, estou para te vomitar de minha boca. ¹⁷ Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu!

¹⁸ Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez, e um colírio para que unjas teus olhos e possas enxergar. ¹⁹ Quanto a mim, repreendo e educo todos aqueles que amo. Recobra, pois, o fervor e converte-te! ²⁰ Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo. ²¹ Ao vencedor concederei sentar-se comigo no meu trono, assim como eu também venci e estou sentado com meu Pai em seu trono. ²² Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

O Apocalipse de João como gênero literário by Ana Paula Costa de Souza is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Usó Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 3.0 Brasil License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).

Further tips for using the supplied HTML and RDF are here:
<http://creativecommons.org/learn/technology/usingmarkup>